

A temática indisciplina / violência configura-se como a principal questão social dos pesquisadores na área de ciências humanas e, em particular, para os educadores, em virtude dos desafios apresentados à sociedade contemporânea, caracterizada por um processo de formação da sociedade global e de consumo.

A globalização como marco civilizatório altera profundamente as relações de sociabilidade, o plano do conhecimento, da técnica, dos bens materiais e culturais, e é acompanhada pelo crescimento de conflitos e da violência generalizada, que se estendeu por todas as instituições com função social, estendendo-se à escola. A instituição escolar como lócus de explosão de conflitos sociais é um fenômeno geral da sociedade brasileira que incide no espaço escolar através de uma violência generalizada, que compromete as principais funções que a instituição deve exercer: de socialização e de transmissão de saber.

O reconhecimento da violência no espaço escolar como uma negação ou interdição da palavra como forma de mediação entre os semelhantes e evitação do confronto destrutivo parece ser um caminho interpretativo fecundo para várias abordagens teóricas, que, apesar das diferenças, apontam que o que está em risco é a função da escola na socialização das novas gerações, pois se antes a porta da escola detinha a violência, agora é contra a própria escola e nas relações estabelecidas em seu seio que se verifica o fenômeno da violência.

Neste número 3, a revista *Educação e Subjetividade* apresenta a reflexão de diversos pesquisadores sobre o conceito de violência, o panorama das pesquisas sobre violência na escola, a relação da violência com a cultura moderna e a sociedade de consumo, e seus efeitos na subjetividade e nas funções do educador.

Sandra Dias apresenta o panorama da violência na sociedade pós-moderna por meio de pesquisas sobre os tipos de violência que

incidem no espaço escolar. Levanta os principais conceitos de violência que embasam os estudos na área, destacando os de Bordieu e Passeron, Charlot e Arendt. Associa a violência à mutação cultural produzida pelo capitalismo tardio, que alterou a configuração social e criou a sociedade de consumo procedendo à destruição da cultura baseada na autoridade e na tradição, afetando as principais funções que a instituição escolar deve exercer. Utiliza a teoria psicanalítica para delinear os efeitos, na subjetividade, da mutação cultural produzida pela globalização e como causa da violência crescente.

Wedja Maria Oliveira Leal, Marisa Irene Siqueira Castanho, Inês Loureiro e Marisa Todescan Dias da Silva Baptista afirmam que a indisciplina é um subtexto que se configura com base na negação ou na ausência da disciplina: é um conceito historicamente determinado e um discurso produzido subjetivamente nas relações entre sujeitos sociais. Apresentam a análise de dois discursos pedagógicos sobre disciplina escolar produzidos nos séculos XIX e XX e ressaltam que, apesar de situarem em contextos históricos diferentes, mostram construção dialógica semelhante do ponto de vista da idealização da disciplina imposta e geram corpos paralisados e destituídos de subjetividade, havendo necessidade de instauração de uma nova ética nas relações entre os sujeitos nos espaços institucionais, que levem em conta as transformações sociais.

Maria Helena Palma de Oliveira mostra os resultados da pesquisa, na autobiografia de 27 escritores brasileiros no século XX, sobre a presença, na infância, de violência doméstica psicológica sofrida no processo disciplinador. Apresenta a violência como conceito histórico social, discrimina a violência estrutural da violência interpessoal e as estratégias utilizadas no contexto familiar. Utiliza o trabalho de Foucault para estabelecer o modo do exercício do poder familiar e as consequências da punição na subjetividade infantil. Em sua grande maioria, os escritores foram violentamente punidos no processo ensino-escolarização, e isso teve como consequência maior o processo de silenciamento.

Felipe Lessa da Fonseca analisa os efeitos da violência sobre a subjetividade promovida por um sujeito ou uma coletividade no jogo social de dominação e embate narcísico desleal. Distingue o ato agressivo do ato violento e utiliza o conceito de trauma, de Freud, para mostrar as conseqüências da violência no sujeito. O trauma, tanto em relação à sensibilidade pessoal quanto a sua elaboração, depende da história de vida, da estrutura narcísca, das representações fantasmáticas e dos ideais. Aponta que toda cultura reserva um lugar para a violência e que, na sociedade contemporânea, há uma banalização da violência.

Ana Maria Rodrigues Costa realiza a leitura psicanalítica do fenômeno da violência na escola pública a partir dos conceitos psicanalíticos de discurso, sujeito, laço social e transmissão simbólica. Utiliza as teses de Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, para explicar o crescente aumento de violência na sociedade contemporânea. Relaciona essa fundamentação teórica sobre a violência às teorias freudianas sobre a identificação e a teoria do discurso de Jacques Lacan para analisar o elemento responsável pelo retorno da civilização à barbárie.

Na sessão dos clássicos, trazemos a conferência de Theodor Adorno “A educação contra a barbárie”. É uma transcrição de um debate com Hellmut Becker e Gerard Kadelbach, na Rádio de Hessen, transmitido em 14 de abril de 1968 e inserida no livro do autor, chamado *Educação de Emancipação*, editado em 1971 pela editora Paz e Terra. O artigo é documento histórico porque se trata de um balanço crítico do *status* da educação após Auschwitz. O autor ressalta que o desenvolvimento da sociedade moderna, fundada na Ilustração, em que cabe importante papel à educação e à formação cultural, conduziu inexoravelmente à barbárie. Em consonância com a filósofa política Hanna Arendt, Adorno alerta para a necessidade de crítica permanente, evitando que se repita o retorno da civilização à barbárie, uma vez que o desenvolvimento científico não conduz à autonomia e não impede que a educação seja orientada por formas sociais de dominação que afetam o plano da subjetividade. Esse texto representa o estandarte da luta pela inserção da ética no campo da Educação

que se mantém se conservarmos permanentemente aberta a pergunta “O que é o homem?”, única forma a evitar desvios ideológicos que podem conter os planos racionais de formação cultural e educacional.

Carolina Rosenberger faz a resenha do livro *Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor*, escrito por três autores e editado pela Mediação, em 2006. Yves de La Taille, baseando-se na teoria piagetiana sobre o desenvolvimento moral, discorre sobre o conceito de valor e o relaciona ao conhecimento, à moral e à ética. Estabelece o trabalho com os princípios morais, enquanto este faz parte das relações sociais, uma responsabilidade da escola e ligado à construção da identidade. José Sterza Porto Justo aponta a escola como instrumento de dominação capitalista, em que a disciplinarização implica docilização da rebeldia. Influenciado pela psicanálise, ele destaca que, nessa sociedade de controle, a ação de confinamento do sujeito enfraquece seu senso de coletividade e o compromisso com o outro, enquanto que o descompasso entre a escola e a educação se manifesta na intensa violência social. Nelson Pedro-Silva apresenta os reflexos da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem e situa a moral como garantia para uma vida societária. Inspirado em Piaget, situa a violência como antiética e a indisciplina como toda ação moral em desacordo com as leis impostas ou construídas coletivamente.

*Sandra Dias*